

A Leitura Observada

Gabriel Perissé

Doutor em Educação pela FEUSP
Professor da Pós-Graduação do Programa de
Mestrado em Educação da Uninove
Site web : <http://www.perisse.com.br>

*observo o paradoxo do outrossim
e do outronão discuto o anjo e o sexo?*

(Haroldo de Campos)

*Palavra viva
Palavra com temperatura, palavra
Que se produz
Muda
Feita de luz mais que de vento, palavra*
(Chico Buarque de Hollanda)

A leitura, sempre e de novo

Sobre a leitura *nunquam satis* (nunca se fala demais), e, praticando-a, já dizia Sêneca com relação à aprendizagem, *nunquam satis discitur*, nunca se aprende o suficiente. Leitura é infinito aprendizado. Sempre e de novo aprendemos com a própria leitura que ler é refletir, apreciar, admirar-se, sair do quase-conhecido para o melhor-conhecido.

Leitura no Brasil, então, é tema sobre o qual nunca se falará demasiado, pois ainda poucos são os nossos leitores plenos em comparação com o número de nossos habitantes. Podem-se abrir bibliotecas (e muitas deveriam ainda ser abertas, ampliadas, modernizadas), podem-se realizar campanhas nacionais incentivando a leitura, podem-se escrever livros e ensaios sobre o quão importante é ler, mas ninguém consegue (ainda bem!) obrigar alguém a ler. E um número enorme de brasileiros, como muitos de nós bem sabemos, lêem pouco e lêem mal. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, entre a população adulta alfabetizada apenas cerca de 30% realmente gosta de ler e lê efetivamente.¹

¹ A pesquisa “Retrato da leitura no Brasil” realizou-se entre dezembro de 2000 e janeiro de 2001. Os slides estão disponíveis em: <http://www.crb7.org.br/courseventos/retratodaleituranobr.ppt> Acesso em: 14 mai. 2005.

No início de mais um texto sobre a leitura, analisemos dois dados dessa pesquisa “Retrato da leitura no Brasil”, realizada e divulgada pela CBL. Embora sejam apenas números, passíveis e até diria carentes de interpretação adequada e de contextualização, constituem uma fonte de informação aproveitável.

Diz a pesquisa que 17 milhões de brasileiros declaram não gostar de ler. Sabem ler, supõe-se, mas não gostam, não encontram prazer no contato com a cultura escrita, ficam indiferentes perante a possibilidade de lerem um romance, um poema etc. Não sabem saborear uma frase como, por exemplo, esta que tenho à mão — “Todo vivente forma uma atmosfera em torno de si”.² Frase tão genial quanto simples, capaz de abrir perspectivas de pensamento, de compreensão do mundo.

Quem lê entra em contato com a atmosfera formada por aquele livro que tem entre as mãos. O livro é, de certa maneira, um ser vivente ou, mais precisamente, seguindo a terminologia de Alfonso López Quintás, o livro torna-se um âmbito, realidade não redutível a mero objeto.³ Desta realidade ambital emana uma atmosfera, e nela penetrando respiramos novos ares, alimentamos nossos “pulmões cerebrais” (que não se restringem ao cérebro...) de idéias, soluções verbais, sentimentos, imagens. O não-leitor corre o risco de asfixiar-se intelectual e espiritualmente por falta de contato com o oxigênio da leitura.

Pensando mais detidamente, esses 17 milhões de brasileiros (cifra que corresponde à população da Grande São Paulo, hoje, ou também à atual população do estado de Minas Gerais) não sabem ler, no sentido existencial da palavra. Não compreenderam, ou não tiveram a oportunidade real de aspirar os bons ares de uma boa leitura, e se encontram, no meu modo de entender, numa situação de profunda precariedade cultural e humana, embora, como já nos alertava McLuhan, devamos lembrar que a cultura não se restringe ao livro, manifestando-se nos meios de comunicação em geral, em festas populares, literatura oral etc.

Por outro lado, a mesma pesquisa, considerando a população alfabetizada brasileira maior de 14 anos (86 milhões), revela que nosso consumo de livros *per capita* é de 3,87 por habitante/ano.⁴ Passamos a maior parte do dia evitando a leitura, ou dela simplesmente apartados. Ignoramos a realidade do livro. Não vemos os livros que porventura estão ao nosso redor. Não nos embrenhamos diariamente nessas páginas das quais emana a atmosfera da linguagem viva.

Um insuficiente contato com a “livrosfera” pode levar uma pessoa a níveis também insuficientes de autoconhecimento, de expressividade verbal, e de percepção do que pensam e fazem as outras pessoas. Na livrosfera, é possível libertamo-nos da rotina e da repetição. Até o repetitório é dissolvido e transformado por um repertório de chaves interpretativas, de caminhos argumentativos, de conceitos iluminadores. Não falará mal da rotina quem souber desconstruir a rotina com o olhar “treinado” pela leitura.

² Johann W. GOETHE, *Máximas e reflexões*, ponto 47. No original: “*Alles Lebendige bildet eine Atmosphäre um sich her.*”

³ Todo âmbito é uma realidade aberta, relacional, colaboradora. Para entender o conceito de âmbito, leia-se deste autor o livro *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores*, São Paulo: Paulinas, 2004. Outra possibilidade é o meu ensaio *O Objeto e o Âmbito no Pensamento de López Quintás - análise do poema-música de Sérgio Bittencourt*, em: <http://www.hottopos.com/convenit/lq3.htm> Acesso em: 25 ago. 2005.

⁴ Credite-se esta cifra, que era menor há duas décadas, ao recente crescimento da população universitária brasileira, por conta da multiplicação de instituições particulares. Mal ou bem, muitos jovens e adultos precisam hoje ler um pouco mais, por obrigação.

A *imaginação* cresce como árvore frondosa na livrosfera, gerando frutos saborosos, e às vezes proibidos... O *pensamento* também frutifica dentro da livrosfera, e multiplicam-se as “sementidéias”. A *intuição*, atividade que supõe uma inteligência atenta e livre, floresce na livrosfera. A *sensibilidade ética* se desenvolve e amadurece no interior da livrosfera. A *memória* ganha corpo e conteúdo.

Reflitamos um pouco sobre essas cinco camadas da livrosfera.

A imaginosfera

Pensemos em Kafka e na sua obra-prima *A metamorfose*. Como os leitores imaginam o inseto em que Gregor Samsa se transformou? A descrição do autor fornece elementos visuais, mas nos deixa o trabalho maior de compor a imagem terrível e degradante. É bastante significativo que Kafka tenha insistido para que as edições deste livro nunca tivessem ilustrações. Não queria poupar ao leitor a tarefa de desenhar mentalmente a imagem do “inseto monstruoso”.

A propósito, há uma interessante questão lingüística/imagética a destacar. Leiamos o início do livro, quando deparamos com a metamorfose realizada:

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.⁵

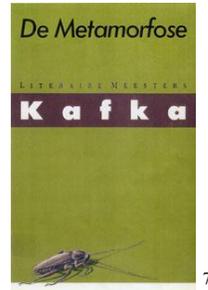
Tomando literalmente a narrativa, Gregor transformou-se, da noite para o dia, num inseto ou, como já observaram alguns estudiosos da obra de Kafka, numa monstruosa sevandija (a tradução talvez mais aceitável para *ungeheueren Ungeziefer*, no original). O termo, derivado do nome basco para lagartixa (*sugandilla*), conforme Antônio Houaiss e Aurélio Buarque de Holanda em seus dicionários, possui uma elasticidade semântica que favorece, e torna mais complexa, a tarefa de imaginar o protagonista do texto kafkiano.

“Sevandija”, termo aplicado na zoologia a todos os parasitos e vermes imundos, já foi utilizado conotativamente para designar uma pessoa desprezível que vive à custa dos outros e submete-se a todo o tipo de humilhação. Em traduções do alemão para o inglês, Gregor metamorfoseado é descrito como um monstruoso “*vermin*”, o que pode ser entendido como sevandija ou parasito. O verbo “sevandijar-se” significa rebaixar-se vergonhosamente, aviltar-se, envilecer-se. É disso que se trata — e temos de entrar na imaginosfera do livro para configurar em nossa mente uma imagem aviltante o suficiente para expressar a degradação espiritual a que chegou Gregor.

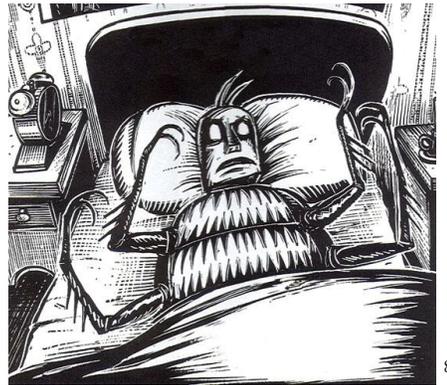
Um coleóptero imundo também parece corresponder à descrição de Kafka. Um besouro talvez? Ou poderíamos arriscar a imagem de um piolho? A tendência

⁵ Franz KAFKA, *A metamorfose*, p. 7.

dominante, porém, tem sido associar o inseto monstruoso à barata, que provoca nojo imediato ao homem urbano.⁶



Em 2004, a Editora Conrad publicou no Brasil a adaptação do conto kafkiano para uma história em quadrinhos, a cargo do ilustrador Peter Kuper. O inseto lembra uma barata, mas se assemelha ao besouro:



Mergulhamos nas imagens produzidas por outros e por nós (mesmo contrariando a recomendação de Kafka...) e nelas nossa função cognitiva ganha novos horizontes, encarna-se diante de nós. A imaginação tem o poder; é condição necessária para o conhecimento caminhar no meio da selva de palavras e conceitos. E nesse caminho estabelecer novos encontros com o real. A propósito, Bachelard demonstra em sua filosofia da imaginação que a razão imaginadora, abolindo o falso dilema entre conhecimento experimental e saber especulativo, torna a ação de imaginar um avanço: “imaginar é [...] elevar de um tom o real”.⁹ Para as mentalidades menos imaginativas, essa relação entre razão e imaginação parece inimaginável. No entanto, basta tentar imaginar um mundo sem imaginação... para sentir o quanto a imaginação é parte integrante da nossa atividade intelectual!

A imaginação, suave e fortemente, orienta a nossa reflexão e é pela reflexão solicitada. A imaginação participa da criação de novos sentidos para antigos significados e em certa medida constitui uma das melhores provocações para a razão. A

⁶ Mário da Silva Brito, no aforismo 89 do seu livro *Conversa vai, conversa vem*, confirma a imagem em clave humorística: “— Cuidado! Não pise nessa barata: pode ser o Gregor Samsa!”

⁷ Esta capa pertence a uma edição holandesa do livro, do final da década de 1980, mais exatamente 1988. Ver: http://www.kb.nl/coop/metamorfoze/publicaties/meta_nieuws_7/kafka.jpg Acesso em: 15 mai. 2005.

⁸ O ilustrador tem um *site*: <http://peterkuper.com/> Acesso em: 19 mai. 2005. Uma apresentação do livro encontra-se em <http://www.randomhouse.com/crown/metamorphosis/> Acesso em: 29 mai. 2005.

⁹ Gaston BACHELARD, *O ar e os sonhos*, p. 82. No original: “*imaginer c'est donc hausser le réel d'un ton.*”

imaginação atua em nossa compreensão do mundo. Uma imagem sintetiza quase que espontaneamente um fluxo de idéias, e nos dá condições de tomar fôlego e prosseguir nesse fluxo. A abstração requer imagens, e graças a essas imagens podemos continuar a abstrair. As imagens constroem pontes entre realidade e arrazoado, entre idéias e idéias, entre percepções e palavras, entre palavras e realidades. A própria imagem das “pontes” que acabo de empregar torna mais visível e compreensível o que estou querendo dizer. Imaginação que nada tem a ver com alucinações, mas desvela os contornos, as cores, os alcances do saber que sabe a realidade — dá-lhe, ao saber, presença quase tangível.

Cioran escreve:

Como se pode ser filósofo? Como se pode ter a ousadia
de abordar o tempo, a beleza, Deus e todo o resto? O
espírito fica inchado e saltita sem vergonha.
Metafísica, poesia — impertinências de piolho...¹⁰

O leitor não pode deixar de imaginar o espírito “inchado”, mesmo que tal imagem seja impossível, pois espíritos não incham como os corpos. Como poderá o espírito inchar-se, e inchado saltitar, e saltitar sem vergonha? Saltitar como um piolho? Ficamos com uma pulga atrás da orelha...

O espírito se faz imagem e a imagem torna o espírito inchado mais compreensível para o nosso próprio espírito. Sua falta de vergonha nos envergonha. Como ousa o piolho querer alcançar os cabelos luminosos da lua?

E o pensador ri de si mesmo, e dos outros pensadores, e dos próprios poetas, geradores de imagens! Ri do leitor, e o leitor deverá aprender a rir de si mesmo. O leitor olha para o piolho em que o poeta se transformou, em que o metafísico se metamorfoseou. O silogismo é amargo, a imagem é agressiva, o texto é contraditório em sua ironia, e contundente em sua impertinência.

E daí o prazer da leitura ativa, imaginativa. As imagens mentais são mentiras que revelam verdades.¹¹ Lendo, treinamos nossa imaginação. A imaginação é espontânea, mas também pode estar sujeita à nossa vontade. Quero imaginar, e imagino. Imaginando, expresso-me, impressiono-me. As imagens iluminam o pensamento. Ou, como Sartre definiu, “a imagem [...] é também pensamento”.¹²

¹⁰ E. M. CIORAN, *Silogismos da amargura*, p. 25.

¹¹ Origem etimológica de mentir: *mens*, palavra latina que significa “inteligência, espírito, alma, razão, sabedoria, juízo, discernimento, imaginação”. Mentir, portanto, era, sem maniqueísmos, no começo dos começos, o ato de usar a mente, de realizar uma operação intelectual, de exercitar a razão, de pôr a imaginação para funcionar. Justamente (ou injustamente) por causa da imaginação, mentir tornou-se sinônimo de inventar algo com o intuito de esconder verdades, distorcer fatos, enganar os outros. Curioso processo em que um conceito do bem se tornou um verbo do mal... Contudo, a mente, em particular a mente do artista, continua a mentir na clave da verdade e da beleza. Os maiores mentirosos do mundo, como Shakespeare, como Van Gogh, como Kafka, como Beethoven, criaram mundos irreais que são mais fiéis à realidade do que a nossa própria noção de realidade. Os seus personagens, as suas imagens, os seus sons, fruto de riquíssima vida mental, revelam verdades que desmascaram as verdadeiras mentiras! Como discernir, em nossa mente, o que é mentira mentirosa daquilo que é *mentação* transformadora? Como distinguir o alimento podre do que será sustento para a humanidade? (Estas reflexões foram extraídas de um artigo, “Mentir, mentar, mentor”, que publiquei no *Correio da Cidadania*, ed. 376, semana de 13/12 a 20/12/2003. Ver em: <http://www.correiodacidade.com.br/ed376/cultura.htm> Acesso em: 20 out. 2005.)

¹² Jean-Paul SARTRE, *A imaginação*, p. 85.

Multiplicam-se as sementidéias

A leitura nos introduz na esfera do pensamento. Concebemos idéias enquanto estamos lendo ou quando já fechamos o livro e abrimos a porta da rua para sair em busca de outros ares. O livro pode fechar-se, mas a mente continua aberta. As idéias vêm. As idéias se multiplicam. O que é uma idéia?

Ter uma idéia nos torna conscientes de nosso conhecimento. Descobrimos, como dizia Spinoza, que nosso espírito é uma “coisa pensante”. E as idéias, além de nos fazer conhecer que conhecemos, possuem a capacidade de fecundar a ação, de impulsionar as vontades, de fazer toda a pessoa vibrar. As idéias de Rousseau foram decisivas para a Revolução Francesa, em 1789. Fidel Castro, num discurso pronunciado em 2001, repetiu o que todos os líderes sabem: “*Las ideas son y serán siempre el arma más importante*”.¹³ Em 1963, em momento agitado da política brasileira, Carlos Lacerda publicou um livro que fez furor: *O poder das idéias*. Whitehead, em seu livro *Aventuras das idéias*, de 1933, mostra que a frase famosa “*cogito, ergo sum*” deveria ser traduzida com mais amplitude — penso, logo eu me emociono, fico feliz, tenho medo, cultivo esperanças, tomo decisões etc. Ortega y Gasset e muitíssimos outros pensadores destacaram que as idéias arrebatam os corações... e muitos idealistas e ideólogos perderam a cabeça (no melhor sentido da expressão, se é que existe) em nome de suas convicções! Na política ou na vida pessoal, e não só no mundo acadêmico, as idéias demonstram sua fecundidade.

Por isso chamá-las de *sementidéias*. Da idéia fixa e empedernida dos fanáticos que geram as flores do mal... às idéias geniais que configuram novas realidades; das idéias pálidas de uma vida anêmica às idéias generosas de uma vida heróica, o fato é que essa esfera do pensamento encontra, na leitura, “combustível” suficiente para se expandir.

As idéias são fecundas porque suscitam desenvolvimentos e realizações (mesmo que sejam realizações que desrealizam!). Quando alguém diz que “não faz a menor idéia”, ou que “teve uma brilhante idéia”, refere-se à impossibilidade ou à possibilidade de conceber projetos, de estabelecer relações, de esclarecer para si mesmo aspectos e facetas da vida.

Lendo, “caem” sementidéias sobre o terreno mais ou menos receptivo da minha mente. E começo a mentar. Mentar é elaborar, “bolar”, inventar. Leio, releio *A metamorfose* de Kafka. Cai uma sementidéia na minha mente. A de que um ser humano pode chegar a terríveis níveis de degradação psicológica e espiritual por ter sido encarado como meio de subsistência e não como pessoa pelos familiares que tanto amava. Esta idéia não é nada agradável, à primeira vista, mas traz em si um “toque”, para usarmos um carioquismo relativo às noções de “alerta”, “aviso”, “sugestão” e “conselho”. “Toque” é talvez mais expressivo porque a palavra, na sua informalidade, evoca diferentes matizes. Tem a ver com alusões, com insinuações mais ou menos sutis. Tem a ver com a mão que toca o ombro de alguém, para chamar-lhe a atenção amigavelmente, “dar uma idéia”.

O “toque” de Kafka permite-me olhar para mim mesmo e ver se estou atuando como mero provedor da família, ou, ao contrário, como alguém que pode e deve suscitar nos demais membros da casa o desejo de participarem dos esforços na luta pela sobrevivência. Os pais e a irmã de Gregor Samsa, tão logo o filho “adoeceu”,

¹³ Discurso “*Las ideas son y serán siempre el arma más importante*”, pronunciado em Cuba, no dia 2 de dezembro de 2001 (<http://www.fut.es/~mpgp/amigos953.htm> Acesso em: 20 out. 2005).

começaram a dar mostras de uma capacidade, até então oculta, para o trabalho e para a criatividade.

Observo a leitura e a leitura me observa. O texto lê o leitor. Kafka toca a minha mente, deposita nela uma ou várias idéias. Semeia. Insinua que Gregor Samsa foi inocente, por um lado, mas também conivente com o comodismo dos familiares! Esta idéia lança raízes em mim.

Leio o livro *A revolução dos bichos*, de George Orwell. E uma outra idéia se insinua... verdade nua? A idéia é a seguinte: o poder é estimulante. Os animais de uma granja se unem para expulsar o desumano homem tirano. Algum tempo depois, alguns animais que se consideram mais animais (ou menos...) do que os demais... assumem o poder e acabam por trair os ideais que antes haviam abraçado.

Em novembro de 2005, contemplando nos jornais e tv os presidentes Lula e Bush lado a lado, sorridentes, como velhos amigos, veio-me à memória de modo espontâneo o desfecho deste livro. Lá estão porcos e homens comemorando uma nova era. A Granja do Solar, que depois da revolução passou a chamar-se Granja dos Bichos, volta a chamar-se Granja do Solar. A elite dos animais e os humanos fazem um brinde, comemoram o bom relacionamento. Do lado de fora, outros animais, menos animais do que os de dentro... não conseguem entender o que está acontecendo. No entanto, em dado momento, fez-se a luz:

Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.¹⁴

A idéia que estava adormecida em mim desde muito tempo (tive contato com este livro de Orwell pela primeira vez aos 14 anos de idade) desperta o meu senso crítico. Já era impossível distinguir presidente de presidente. Estavam irmanados. Olhei para um e para outro, e para o outro e para um outra vez... Talvez tenham discutido pesadamente nos bastidores. Talvez tenhamos sido poupados das desavenças graças aos protocolos neutralizantes da diplomacia...

Contudo, parece que tudo foi marcado pela sinceridade e pela harmonia. Bush partiu feliz de sua visita ao parceiro, ao quase aliado latino-americano: “Podemos ter sentidos políticos diferentes, mas compartilhamos os mesmos objetivos”. Que objetivos? O presidente Lula, por sua vez, revelou em entrevista que tudo transcorreu em paz: “Foi um diálogo muito franco. Não houve nenhum momento de tensão na conversa”.

Na *Folha de S. Paulo*, em 12 de agosto de 2002, Lula, ainda presidencial, participando do ciclo “Candidatos na Folha”, afirmara, de maneira truncada mas com franqueza: “Eu acho que os Estados Unidos são um país, eu, por exemplo, acho que cada vez vai ficando mais provado que Bush precisa procurar uma outra coisa para fazer ao invés de querer ficar fazendo guerra.”¹⁵ Mesmos objetivos? Nenhuma tensão?

Ainda naquela ocasião, quando lhe perguntaram diretamente o que pensava da grande prepotência, a resposta foi potente: “Eu acho que os Estados Unidos são um país que gosta muito de democracia na casa dos outros, gosta de exigir que os outros

¹⁴ George ORWELL, *A revolução dos bichos*, p. 117.

¹⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u35804.shtml> Acesso em: 20 out. 2005.

façam, mas não cumpre.”¹⁶ Objetivos iguais, ou convergentes? Tudo tranqüilo, nenhum atrito?

Compreendo que os líderes políticos, em visitas oficiais, devam guardar muitas de suas idéias no bolso do paletó impecável, devam sorrir para as câmeras, caprichar nos gestos bem-educados, apertar as mãos um do outro com aquela efusividade incontida durante tempo suficiente para que todos os fotógrafos possam registrar a cena. Compreendo, mas não consigo engolir a pergunta ingênua: será tudo tão harmonioso assim, tão amigável? Ou será que o campo das idéias não é digno lugar para o campo das batalhas políticas?

George W. Bush tem suas idéias, que se traduzem em atos e fatos: violência e atrocidade em larga escala. Certo, seria demasiado esperar que Lula, como uma espécie de Noam Chomsky, cobrasse bom comportamento do todo-poderoso...

Uma idéia puxa outra... o poder aproxima entre si os poderosos. Que “objetivos” são estes a que Bush se referia? Não me parece, por exemplo, que Lula, três anos depois daquelas suas declarações contra o mesmo belicoso Bush, compartilhe agora com o presidente norte-americano o ideário “democrático” por este defendido com unhas e dentes, com armas e mentiras. Objetivos... Parece-me que Bush revelou nas entrelinhas o que os iguala. Não são objetivos objetivos. São bem subjetivos. Os que decorrem do ideal do poder e do domínio. Por isso não haverá tensão entre dois poderosos, enquanto um não tente “roubar” o território do outro. Ou enquanto seus acordos, mesmo desvantajosos para um dos lados, preserve para o líder dos dominados algum posto de honra, um resto de poder, limitado mas real. Concessão dos dominadores para apaziguar os ânimos do chefe dos dominados...

E a sementidéia de Orwell soma-se a uma outra. Leio em Chomsky — “a linguagem humana pode ser usada para informar ou desorientar, para clarificar os pensamentos de uma pessoa, ou para exibir sua habilidade, ou simplesmente por brincadeira”.¹⁷ A linguagem que esconde o que diz. Que, ao dizer, esconde o que diz no próprio ato de parecer revelar.

Intuição e leitura

Lembro-me de ter assistido a uma palestra ministrada pelo Prof. Ruy Nunes, da Faculdade de Educação da USP, em meados da década de 1980. O tema era a “vida racional” ou algo do gênero. Fiz-lhe uma pergunta. Queria saber como se define “intuição”. O professor despachou-me com uma resposta racionalista, desqualificando, por tabela, o filósofo Henri Bergson, que via na intuição um método, e que não estava presente para defender-se... Naquele momento, intuí que a intuição não teria muitas chances no mundo do pensamento, a menos que o pensamento acolhesse em sua própria dinâmica a “pobre” intuição.

Intuir é conhecer de modo imediato o que, para quem intui, torna-se algo evidente, sem necessidade de provas ou demonstrações. Evidentemente, nem tudo é evidente para todos! A intuição revela, faz ver (*intueri*, do latim, é ver em profundidade, descobrir) o óbvio, o que “está na cara”. No entanto, nem sempre vemos o que está à nossa frente, nem mesmo com os olhos abertos.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Noam CHOMSKY, p. 92.

Quem gosta e pratica o xadrez, sabe que a intuição pertence aos movimentos internos no tabuleiro de um jogo tido como “racional”. Muitos lances geniais nascem de uma visão imediata do jogador. Determinada disposição das peças lhe diz uma coisa, e ele não hesita. É sua mão que pensa, obedecendo ao impulso da intuição. O Grande Mestre leão Mikhail Tal (chamado por todos o “Mago de Riga”) não se preocupava em calcular e prever todas as variantes de uma jogada. Sua magia consistia em ver com rapidez. Seus acertos eram brilhantes, inesperados. E seus erros, fatais! A intuição é puro risco. A visão instantânea salta o tempo do raciocínio passo a passo. Em compensação, uma intuição equivocada pode conduzir ao precipício. Não à toa o precipitado por vezes come cru. Mas também é aquele que, antes de todos, petisca!

Vinte anos depois daquela palestra do Prof. Ruy Nunes, outro professor da USP (da Faculdade de Letras) deu-me a resposta, sem que eu precisasse repetir a pergunta. Numa entrevista, Mario Bruno Sproviero refere-se à intuição como atividade que incide diretamente sobre o real, a montante do raciocínio (isto é, na direção da nascente da própria razão...), passando por cima dos exaustivos emaranhados conceituais que o aparelho especulativo pode e quer gerar. E a frase lapidar do Prof. Sproviero: “especular sem intuição é o equivalente a operar sem energia”.¹⁸

Na mesma altura, folheando a *Bíblia* de Millôr Fernandes, dei com a definição redonda: “A intuição é uma disciplina que não foi à escola.”¹⁹ Ou seja, a intuição é uma força heterodoxa mas não enlouquecida.

Por outra parte, como sabemos por experiência, o salto espetacular (e mortal?) da intuição requer, posteriormente, a mesma especulação por ela ignorada. Intuir sem, num segundo momento, raciocinar, sem procurar as palavras (sempre insuficientes para o intuitivo) que traduzam o intuído, pode levar à presunção igualmente desgastante. A energia fulgurante da intuição pode perder-se num suceder de golpes, uns certos, outros catastróficos. Como dizia Poincaré, o renomado matemático francês, convém provar mediante a lógica o que descobrimos a partir da intuição.²⁰

A leitura atenta propicia a intuição. Entre uma página e outra, faz-se a luz. Estou lendo e, num golpe de vista, compreendo o incompreensível. É difícil descrever o conteúdo da inspiração e o seu processo. Inspiração é inspiração, acontece. Momento de lucidez é momento de lucidez. Uma lucidez que vem do nada... embora nada venha do nada...

As intuições de Clarice Lispector provocam intuições em seus leitores. Ela mesma tinha dificuldades para se considerar escritora, supondo-se que escrever seja fruto de um trabalho intelectual sistemático, vinculado à apreciação “objetiva”, segundo classificações literárias por todos aceitas. Valorizava Clarice a sua experiência vivida e instantânea, e julgava a palavra “literatura” detestável, na medida em que representasse algo de institucional, convencional, contrário à introspecção obsessiva, aos movimentos de efervescência anímica.

Clarice definia-se como “sentidora”, como uma intuitiva. Sua lei interior prevalece sobre as leis exteriores. Clarice busca esclarecimentos a partir de uma

¹⁸ Jean LAUAND. Entrevista a Mario Bruno Sproviero - Entropia: “Progresso” para a Destruição!. *Videtur-Letras*, São Paulo-Murcia, n. 2, p. 62, set. 2001. A entrevista pode ser lida também em: <http://www.hottopos.com/vdletas2/mario.htm> Acesso em: 10 nov. 2005.

¹⁹ Millôr FERNANDES, *A bíblia do caos*, p. 313.

²⁰ A intuição colabora com a ciência como no exemplo da descoberta da estrutura espacial do DNA, em 1953. Entre as muitas estruturas possíveis, que demandariam do norte-americano James Watson e do britânico Francis Crick pesquisas demoradas, os dois decidiram começar, guiados por uma intuição, pela indiscutivelmente mais bonita e elegante, que era a verdadeira como se constatou.

pesquisa intensa do seu próprio sentir. Sua verdade é *index sui*, autodemonstra-se no próprio escrever. O singular prevalece, a individualidade. Os “estudos de alma” são feitos com toda a alma! Por isso, um romance policial (segundo a lei exterior) como *A maçã no escuro* transforma-se numa viagem interior dos personagens. Por isso, um romance de amor (segundo padrões de gêneros literários) como *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* torna-se uma sondagem da alma feminina. Por isso uma novela de denúncia social como *A hora da estrela* (e em certa medida, a princípio e em princípio, *A paixão segundo GH*) torna-se a aventura espiritual de uma nordestina em estado de graça, no primeiro caso, e o encontro de uma mulher com a essência do real e consigo mesma. E sempre se trata de uma introspecção que a própria autora empreende para se conhecer intuitivamente com e nesses personagens: Martim, Lóri, Macabéa, GH...

É forçoso mencionar, a propósito, que o verbo latino *intueor* (de onde provém “intuir”) é depoente, o que implica, do ponto de vista gramatical, sugestivas conseqüências — a ação descrita no verbo é uma ação que, exercida pelo sujeito, nele mesmo repercute. O verbo *loquor*, “eu falo”, por exemplo, é sempre um *falar-se*, pois o sujeito toma plena consciência de seus pensamentos ao comunicar-se com os outros. Outro verbo depoente, *experior*, “eu experimento”, indica que ao fazer minhas experiências eu mesmo me torno *expertus*, um perito. *Confiteor*, “eu me confesso”, demonstra que, confessando ao outro o que fiz, confesso-me realmente a mim mesmo. *Meditor*, isto é, “eu medito”, torna-se ao mesmo tempo um “sou meditado”, porquanto eu “me dito”, dito para mim mesmo o que estou pensando a respeito de algo ou alguém que não sou eu. Uma pessoa que medita torna-se meditativa e passa a meditar em si mesma no mesmo ato em que contempla o exterior.

“Intuir” está incluído neste grupo das ações-bumerangue. Ao intuir algo fora de mim, dentro de mim amplia-se a percepção não-raciocinante sobre o meu próprio mistério, aproximo-me do que acontece “atrás do meu pensamento”, como se expressa Clarice em vários pontos de sua obra:

Verifico que estou escrevendo como se estivesse entre o sono e a vigília. Eis que de repente vejo que há muito não estou entendendo. O gume de minha faca está ficando cego? Parece-me que o mais provável é que não entendo por que o que vejo agora é difícil: estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim que ainda não tem pensamentos correspondentes e muito menos ainda alguma palavra que a signifique: é uma sensação atrás do pensamento.²¹

Clarice não teme as experiências inobjetivas e um tanto obscuras. A luz da intuição a guiará em meio ao intangível. Ela acredita em sua inclinação para adivinhar. Esta sua crença não está, paradoxalmente, isenta de incertezas, perplexidades, angústia, mas ela continua em busca... em busca. E quando encontra, seja o que for aquilo que encontra...

O mundo independia de mim — esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como

²¹ Clarice LISPECTOR, *Água viva*, p. 55.

poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim?
como poderia eu dizer senão timidamente assim: a vida
se me é.²²

O livro *A paixão segundo GH* é, na verdade, o relato posterior de uma vivência mística intensa.²³ A personagem GH viu com o olho intuitivo. O que viu? O certo é que viu, mesmo que não saibamos ao certo o que viu. Estamos ao seu lado, dentro do quarto da empregada. A empregada chamava-se Janair. GH, a patroa, não sabemos quem é exatamente. GH pode ser Gilda Helena, Gabriela Holanda, Gumercinda Hermes, mas a narradora não quis revelar-se. Janair é uma “macabéia” negra, que trabalha em casa de família, que se veste sempre de preto e marrom escuro, metamorfoseando-se num ser praticamente invisível. “Janair” é um nome raro, que pode ser usado por homens ou mulheres. É neutro. É universal. E há nele algo de hindu... mas também algo relacionado com o deus Jano, de duas faces contrapostas, e daí a palavra “janela”, em que o “sair” e o “entrar” dependem do lado onde você esteja.

O que GH entrou no quarto e deparou com o outro lado de Janair, e com o avesso da vida. GH viu. Viu o quê? Viu primeiramente que o quarto da ex-empregada era uma “caverna”. E viu a barata, “a cara da barata”.²⁴ Mas isto foi só o começo:

Olhando-a, eu via a vastidão do deserto da Líbia, nas proximidades de Elshele. A barata que lá me precedera de milênios, e também precedera aos dinossauros. Diante da barata, eu já era capaz de ver ao longe Damasco, a cidade mais velha da terra. No deserto da Líbia, baratas e crocodilos?²⁵

Transportada no tempo e no espaço, ultrapassando os limites estreitos do quartinho da empregada Janair (em quem GH vislumbra uma rainha africana...), a personagem intuitiva prossegue sua viagem. Vende sua alma a Deus (negociação muito mais arriscada do que vendê-la ao demônio). E Deus deixará que ela veja:

Pois Ele sabia que eu não saberia ver o que visse: a explicação de um enigma é a repetição do enigma. O que És e a resposta é: És. O que existe? E a resposta é: o que existe. Eu tinha a capacidade da pergunta, mas não a de ouvir a resposta.²⁶

Lendo autores, uns mais intuitivos, como Clarice, outros menos, posso adivinhar nas entrelinhas perguntas iluminadoras, perguntas tão fundamentais que as respostas se tornam dispensáveis. Ou ainda: posso adivinhar nas mesmas entrelinhas a resposta para a qual terei de fazer mil perguntas a esmo, na esperança de que uma pelo menos corresponda à resposta encontrada.

Intuindo perguntas irrespondíveis ou respostas imperguntáveis, pressinto e sinto, não imagino, não penso, não faço a menor idéia do que estou vendo na clara

²² IDEM, *A paixão segundo GH*, p. 175.

²³ É imprescindível citar o trabalho de Benedito Nunes, leitor privilegiado de Clarice Lispector. O ensaio que escreveu sobre este romance — “A experiência mística de G.H.” — encontra-se em *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969, pp. 103-112.

²⁴ Clarice LISPECTOR, *A paixão segundo GH*, p. 51.

²⁵ *Ibidem*, p. 109.

²⁶ *Ibidem*, p. 129.

evidência da clarividência. E, no entanto, estou vendo para além das idéias e da imaginação. Pois intuir é ver o invisível.

Outro intuitivo, o poeta Manoel de Barros, coleciona lampejos dessa ordem. Num poema chamado “Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho”²⁷, enumera descobertas:

[...]
Insetos levam mais de cem anos para uma folha
sê-los.
[...]
Mariposas que pousam em osso de porco
preferem melhor as cores tortas.
[...]
Aranha com olho de estame no lodo se despedra.
Quando chove nos braços da formiga o
horizonte diminui.
[...]
Besouro só entra em amavios se encontra fêmea
dele vagando por escórias...

São descobertas absolutamente inesperadas. Metafísica pantaneira. Mística fazendeira. O poeta ficou horas contemplando a natureza e flagrou esses movimentos, consciente de seu teor:

Todas estas informações têm soberba desimportância
científica — como andar de costas.

E o leitor que intui começa a andar de costas, a ler de frente para trás, contrariando uma determinada racionalidade. Seu caminhar “contrário” contraria a rigidez do conhecimento reducionista, os lugares-comuns, a escravidão da rotina, a estupidez das verdades mortas. Andando de costas vai esbarrar no que não viu, no que ninguém poderia ver. A intuição abre acessos novos e diretos a níveis da realidade que pareciam inexistir (afinal, estávamos de costas para eles!).

Ao caminharmos de forma não-costumeira, subitamente podemos sentir o sentido da vida. Não só o meu sentido da vida, ou o sentido da vida do autor, mas o sentido da vida do próprio ser humano. Começamos a tocar aquilo que ainda não alcançamos, porque estávamos nos distanciando dele, na ilusão de que seguíamos na direção correta, no caminhar sempre em frente, considerado o único verdadeiro caminhar progressivo.

Leitura ética

Caminhar de costas muito tem a ver com ir ao princípio e aos princípios. Neste caminhar, podemos encontrar uma aparentemente improvável relação entre criatividade e ética.

Domenico de Masi (por muitos na vida acadêmica desprezado, a meu ver injustamente) apresenta oito noções de criatividade:²⁸

Criatividade no sentido teológico da criação *ex nihilo*.

²⁷ Manoel de BARROS, *O guardador de águas*, pp. 37-53.

²⁸ Cf. Domenico DE MASI, *Criatividade e grupos criativos*, pp. 464-465.

Criatividade ligada à idéia de inovação e de antecipação do futuro.

Criatividade como rebeldia, iconoclastia e, até certo ponto, loucura.

Criatividade prometeica, em que a mente humana rouba o fogo divino e faz descobertas geniais.

Criatividade como talento para vencer na vida, desempenhar-se bem na carreira profissional etc.

Criatividade no sentido mítico, ligada à idéia de a vida se renovar cíclica e incessantemente.

Criatividade remetendo ao interesse estético, à imaginação, à extravagância, algo *à la* Oscar Wilde.

Criatividade como manifestação e resultado do amor — sentimento, iniciativa, inspiração!

A noção que quero acrescentar, pensando na dimensão ética da leitura, é a que relaciona criatividade e compromisso. Cada ser humano, pelo fato de estar vivo, recebe em sua consciência um convite silencioso: para realizar-se como ser humano em todas as suas dimensões (*homo somaticus, homo sapiens, homo volens, homo loquens, homo faber, homo aestheticus, homo politicus, homo socialis...*) precisa pôr em jogo suas capacidades, criando com outras pessoas espaços de convivência humanizadora. Há, portanto, um chamado ao engajamento para que, individual e coletivamente, projetemos e realizemos nossas aspirações mais profundas, tudo o que as palavras “felicidade”, “amor”, “verdade”, “gratidão”, “generosidade”, “perdão”, “virtudes”, “paz”, entre outras, suscitam em nós para além dos discursos superficiais ou hipócritas.

Recentemente, abordou-me um mendigo em pleno centro da cidade de São Paulo. Hora do almoço. O homem com roupas velhas e sujas (se é que ainda poderíamos chamar de roupas aqueles andrajos) pede-me uma ajuda para almoçar. Enquanto abro minha carteira, ele faz a observação inesperada:

— Hoje é o dia mais importante da minha vida.

Não ouvi direito, peço para que repita o que acabara de dizer. Ele repete, e acrescenta:

— Porque hoje é o meu aniversário.

Dou-lhe a ajuda, e lhe desejo um “feliz aniversário”. Ouço sua resposta, pausada e firme:

— Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado.

Deveria eu agradecer-lhe três vezes mais. Fui eu o presenteado. Lendo suas palavras soltas no ar, o tríplice agradecimento estampado agora em minha consciência, vejo que uma sementidéia foi lançada. Ele estava comemorando (e compartilhando com alguém que lhe era estranho...) o que há de mais importante na vida de cada ser humano, seja quais forem as suas circunstâncias: o fato de ter nascido. Portanto, já não éramos dois estranhos. Tínhamos criado naquele momento, naquele espaço conturbado da cidade anônima, uma relação humana, passageira mas extremamente significativa, com alto valor simbólico, com forte conteúdo ético.

Anniversarius, aquilo que volta (*versum*) a cada ano (*annus*). A cada ano retorna à nossa consciência (pelo menos na data do nosso aniversário) a constatação de que estamos vivos, e que esta vida não é uma vida qualquer; por isso acrescentamos em nossas congratulações espontâneas, talvez sem pensar, a palavra “feliz” — “feliz

aniversário”. Feliz retorno nosso à consciência de que estamos vivos, não obstante as infelicidades da vida. Vivos como seres humanos, autoconscientes de nosso fenômeno humano, desta realidade humano-vivente carregada de possibilidades.

A palavra “felicidade”, problematizada, aquele “impossível necessário” de que fala Julián Marías em seu *A felicidade humana*, não é uma palavra qualquer (e existe uma palavra qualquer para o leitor criativo?).²⁹ Trata-se de criar e recriar as condições de minha própria existência em consonância com a existência dos que me rodeiam, em busca de um ideal de unidade, de harmonia. Dificílima tarefa, tarefa ética por excelência. Que requer minha fidelidade criativa a valores que me solicitam: solidariedade, tolerância, justiça etc.

O conto *Felicidade clandestina* de Clarice Lispector faz experimentar a relação entre felicidade, leitura e ética. Uma das meninas da história (estamos em Recife) é filha do dono da livraria. E é uma menina vingativa, cruel e sádica. A narradora, a menina Clarice, devoradora de histórias, torna-se vítima desta crueldade quando a outra lhe promete emprestar *As reinações de Narizinho* — “um livro grosso, meu Deus, [...] um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” —,³⁰ promete, mas vai adiando com desculpas mentirosas o empréstimo ansiosamente desejado:

Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.³¹

A protagonista não consegue acreditar em tamanha crueldade. Até que um dia a mãe da menina cruel quis entender o que estava acontecendo, que ritual diário era aquele. E essa “mãe boa” descobriu, horrorizada, a perversidade da filha. O livro nunca fora emprestado. Nem sequer tinha sido lido pela proprietária. Por decisão da mãe o livro agora ficaria com aquela que o conquistou pela humilde perseverança, durante o tempo que quisesse:

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. [...] Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia.³²

²⁹ Cf. Gabriel PERISSÉ, *O leitor criativo*, pp. 29-41.

³⁰ Clarice LISPECTOR, *Felicidade clandestina*, p. 10.

³¹ *Ibidem*, p. 11.

³² *Ibidem*, p. 12.

A clandestinidade da felicidade está em que ela se oculta de nós, foge de nós — e nós também dela nos escondemos. A felicidade tem algo de ilegítimo, tal a dificuldade de adquiri-la, sua impossibilidade, tal a descrença que nos apodera — a felicidade é alcançável?

No conto de Clarice, a ânsia de ler, de ser feliz, de amar (lembrando a frase lapidar de Santo Agostinho, para quem felicidade é *amare et amari*, amar e ser amado), enfrenta o mal. O mal é o obstáculo. As mentiras da menina que detém o livro proibido fazem a linguagem produzir sofrimento.

Mas o conto tem um final feliz:

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.³³

A felicidade no ato de puro amor entre menina e livro. Este “êxtase puríssimo” é fruto de uma conquista. Houve sacrifício, empenho digno:

Já contei o sacrifício de humilhações e perseveranças pelo qual passei, pois, pronta para ler Monteiro Lobato, o livro grosso pertencia a uma menina cujo pai tinha uma livraria. A menina gorda e muito sardenta se vingara tornando-se sádica e, ao descobrir o que valeria para mim ler aquele livro, fez um jogo de “amanhã venha em casa que eu empresto”.³⁴

A perversidade e o sadismo da menina são o mal que oprime, escondendo-se sob a máscara da inocência. A verdadeira inocência se submete ao sacrifício. Não lhe interessa o sofrimento pelo sofrimento. Sua criatividade consiste em abrir-se corajosamente para a possibilidade de um desfecho ético, ou até mesmo para um desfecho “absurdo”, milagroso... tal como Abraão levando Isaac para o sacrifício, segundo a insuperável reflexão de Kierkegaard.³⁵ Não há perversidade (ainda que por Deus permitida) que resista à perseverança. O perverso vive no desespero, e a esperança de quem ama não morre.

O livro valia muito para a menina Clarice. Sua fidelidade a este valor é criativa. Entrando no jogo perverso, submetendo-se ao sadismo com a força (*virtus*) de quem não desiste do que ama, a personagem não beneficiada pelo destino (um pai dono de livraria), pela justiça recebe mais do que pedira. O merecimento conquistado graças à dedicação.

A criatividade como esforço para dialogar com a situação desfavorável detecta ou acaba produzindo brechas a fim de que o bem não seja esmagado pelo ideal do egoísmo, da posse e do domínio. O sadismo vingativo da menina do livro consistia em transformar a outra em mero juguete. O livro torna-se instrumento de tortura. O sadismo é infracriador, e por isso antiético. Já a criatividade da menina Clarice vislumbrava no livro, mais do que o objeto de desejo e de uso, um ser com quem pudesse dialogar. O livro enquanto objeto pertencia à proprietária. O livro enquanto âmbito, enquanto campo de jogo, enquanto fonte de iniciativas, enquanto interlocutor, é

³³ *Ibidem*.

³⁴ Clarice LISPECTOR, *A descoberta do mundo*, pp. 721-723.

³⁵ Cf. Søren KIERKEGAARD, *Temor e tremor*, pp. 251-327.

o “amante” da leitora, que se torna mulher, que amadurece — consequência de seu aperfeiçoamento ético.

A leitura ética desperta minha sensibilidade para os valores. Não são necessárias fábulas moralistas. Estabelecamos com a história uma relação criativa, lúdica, interessada (e não interesseira). Tenciono, a propósito, em outro momento, escrever sobre o método lúdico-ambital, criado por Alfonso López Quintás,³⁶ método com o qual a nossa sensibilidade ética é aprimorada mediante a experiência literária.

Eu sei lembrar?

A leitura nos introduz, por fim, no mundo da memória. A memória é a consciência do que não passou: o passado é o que não passa.

Aquilo que já foi esquecido, aquelas cenas e pessoas que efetivamente já passaram nós não conseguiremos identificar ou evocar. Não temos consciência do que não vem à memória, ainda que possa haver, digamos, “vestígios” do passado perdidos, flutuantes na memória, “corpos” anônimos vagando sem conexão com o nosso cotidiano.

Já o passado como passado, como o “meu passado”, realidade não-presente a que me refiro, sobre a qual escrevo, da qual me lamento ou vanglorio, à qual estou voluntariamente vinculado ou da qual gostaria de me livrar — este passado é o que permanece na atualidade, é aquilo com que me encontro mediante a recordação.

O passado atualizado em minha consciência presente torna-se presente.

O passado do presente é o presente do passado.

O que a memória traz nem sempre merece ser recuperado. A memória é seletiva, mas não necessariamente criteriosa. Temos dificuldades para lembrar o que gostaríamos de lembrar e, não raramente, somos assediados por imagens e nomes indesejáveis, “recados” e “recibos” do passado, imagens que brotam num sonho, numa conversa, no ato da leitura.

Não nos apeguemos à recomendação de que a prática e o hábito da leitura contribuem para exercitar a memória. Tal “vantagem” pouco interfere em nossa alfabetização existencial. Ler para memorizar melhor datas e dados, nomes e resumos, é instrumentalizar a leitura, e de certo modo reduzi-la a uma função menor, operacional, e até certo ponto descartável.

Na leitura, e não somente *mediante* a leitura, a memória ganha corpo. No ato mesmo de ler, mergulhados na livrosfera, vêm-nos à tona realidades impressas, marcadas no fundo profundo, naquela “área” do espírito a que temos difícil acesso, mas que se desprendem deste fundo, e, voláteis, voam agora dentro de nós, talvez semelhantes a fantasmas inofensivos, ou a anjos benévolos, ou a demônios torturadores. Assombrados, nem sempre percebemos como a leitura suscitou essas aparições.

Estou relendo *A metamorfose*. A certa altura, ouço a tosse de Frau Samsa. A mulher está sufocada. Esta tosse ecoa em minha memória, evocando outras tosses de outros tempos. A tosse de meu pai fumante. A tosse do amigo que morreria de câncer. A tosse nervosa daquele professor.

³⁶ Cf. Alfonso LÓPEZ QUINTÁS, *La formación por el arte y la literatura*. Madrid, Rialp, 1993; IDEM, *Para comprender la experiencia estética y su poder formativo*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1991; Gabriel PERISSÉ, *Filosofia, ética e literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

A tosse de papel sugere lembranças. A tosse literária precisa das tosses reais, esquecidas, para que possa “tossir” na leitura. E na medida em que as tosses reais esquecidas são lembradas por força da tosse ficcional de Frau Samsa, esta igualmente ganha força em minha consciência. Posso ouvi-la, compõe o quadro sufocante da vida de Gregor Samsa. A memória é repetitiva: possa ouvir de novo a tosse angustiada, a tosse kafkiana.³⁷

Havia uma pedra no meio do caminho, havia uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho havia uma pedra, havia uma pedra... e o poeta que caminhava jamais esquecerá este fato. O memorável se expande também na vida do leitor. A memória tem a ver com a identidade. É a sua “base”. Lembrando o que li e vivi, lembro-me de quem fui, e, por conseguinte, de quem sou. A memória é toda a bagagem de que dispõe o nômade, o *homo viator*, o caminhante. A precariedade da vida (a pedra no meio do caminho) se aceita e ao mesmo tempo se contorna com a capacidade de lembrar.

Pensadores antigos afirmavam e reafirmavam que a memória humana, não obstante ser dádiva dos deuses, com a qual podemos lembrar que somos humanos e o que isso significa no conjunto do cosmos, com a qual recordamos que lugar é o nosso nessa trama, é igualmente dom precário: *memoria hominis hebes*. A memória humana é embaraçada, embotada, inepta, obtusa, fraca.

O fortalecimento, o cultivo da memória, na leitura, pede o exercício da releitura. Não deixar cair no esquecimento o que é importante, o que é essencial. Manter a lembrança acesa “ante a entrópica tendência ao embotamento”.³⁸

Não podemos esquecer o fundamental. Não esquecer, por exemplo, que a palavra “esquecer” provém do latim vulgar *excadescere*, precedido pelo verbo *excadere*, “cair para fora” (ao esquecer, algo sai da minha memória?), escorregar, desfalecer, perecer. *Excadere* tem a ver com o verbo *cado*, de onde deriva a palavra “cadáver”. Esquecer é, de certo modo, cair no caminho e morrer um pouco.

Recordando a noção de verbo depoente, convém não esquecer uma segunda “mera curiosidade etimológica” — o verbo latino *obliviscor* (do qual nasceram o verbo espanhol e nosso também, “olvidar”), que significa esquecer, perder a lembrança, é uma ação que repercute no próprio esquecedor. Ao esquecer de algo, esqueço de algo em mim mesmo, e algo de mim eu perco igualmente, algo de mim cai para fora de mim. O desmemoriado em estágio avançado pergunta-se “quem sou eu?” (pergunta filosófica por excelência, diga-se de passagem), estágio a que chegou Kant, por ironia da história, quase certamente vítima do mal de Alzheimer.³⁹

A releitura é condição do aprendizado inesquecível. “Reler” é o verbo da memória, da retomada. O palíndromo “reler” lembra-nos que, ao retomar o caminho de volta, lembraremos melhor o que já sabíamos, revitalizaremos a nós mesmos. Relendo, relembro o que há pouco aprendi (e já esquecera), e imprimo em meu ser a idéia, a imagem, a palavra, o argumento, a rima. E a cada nova idéia, imagem, palavra etc., imprimo um crescimento em meu ser, um aprofundamento da minha consciência.

³⁷ Subitamente, lembro o que jamais presenciei: a tosse do próprio Kafka, vítima da tuberculose.

³⁸ Luiz Jean LAUAND, *Provérbios e educação moral – a filosofia de Tomás de Aquino e a pedagogia árabe do Mathal*, p. 95.

³⁹ Kant terminou seus dias sem saber escrever o próprio nome, como relata Thomas de QUINCEY, em: *Os últimos dias de Immanuel Kant*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

O leitor criativo, reflexivo e meditativo é um leitor que tende a não esquecer. E não poderíamos deixar de lembrar as últimas páginas de *Fahrenheit 451*, quando Montag encontra os homens-livros, cuja identificação é tão profunda com o texto lido:

— [...] Todos nós possuímos memória fotográfica, mas passamos a vida aprendendo a bloquear as coisas que estão realmente lá *dentro*. Simmons trabalhou nisso durante vinte anos e agora dispomos de um método pelo qual podemos evocar tudo o que já tenhamos lido. Montag, algum dia você gostaria de ler a *República* de Platão?

— Claro!

— *Eu sou a República* de Platão. Gostaria de ler Marco Aurélio? O senhor Simmons é Marco Aurélio. [...] Quero que conheça Jonathan Swift, autor daquele pernicioso livro político, *As viagens de Gulliver!* E esse sujeito aqui é Charles Darwin, e este aqui é Schopenhauer, este outro é Einstein, e este aqui ao meu lado é o senhor Albert Schweitzer, um filósofo realmente muito gentil. Estamos todos aqui, Montag. Aristóteles, Mahatma Gandhi, Gautama Buda, Confúcio, Thomas Love Peacock, Thomas Jefferson e o senhor Lincoln, se você quiser. Somos também Mateus, Marcos, Lucas e João. [...] Somos todos fragmentos e obras de história, literatura e direito internacional. Byron, Tom Paine, Maquiavel ou Cristo, tudo está aqui.⁴⁰

A memória cria identidade. Os leitores adotam o nome dos autores. São eles de certo modo os co-autores dos textos, escritores imortais. Sua leitura e contínua releitura impulsionam, são um ímpeto a favor da união entre passado, futuro e presente num tempo sem tempo do encontro com o livro em forma de ser humano.

Metamorfosar-se em livro. Memorizar um livro e memorizar-se em livro. Como se se tratasse de uma representação teatral. Minha memória assume dimensões tais que eu, leitor, tal como o ator, represento uma personalidade viva e, incorporando-a, dou vida nova a essa personalidade.

Em contrapartida, conforme o pensamento tantas vezes citado de George Santayana, “aqueles que não conseguem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo.”⁴¹ Este “não conseguir lembrar”, interpretado de modo radical, significa incapacidade real de lembrar. Não uma passageira amnésia, mas um dramático “não-conseguir” que torna a pessoa incapacitada.

A sentença em inglês “*those who cannot remember*”, numa leitura simples e imediata, que é normalmente a dos que citam a frase do pensador norte-americano, indica a necessidade de alertar outras pessoas sobre a necessidade de aprenderem com a experiência para não voltarem a errar — vence o clichê, vence o desejo (legítimo) de

⁴⁰ Ray BRADBURY, *Fahrenheit 451*, p. 186-187.

⁴¹ George SANTAYANA, *Life of reason*, p. 284. (A frase em inglês: “*Those who cannot remember the past are condemned to repeat it.*”)

oferecer um conselho baseado no bom senso. Se ontem eu tropecei numa pedra, hoje, lembrando que há uma pedra no meio do caminho, tomarei cuidado para não tropeçar.

Contudo, a frase aceita pelo menos três traduções. Ou a primeira já usada, “aqueles que não conseguem lembrar”, que, em português, permite entender que a pessoa não consegue porque é um tanto esquecediça, mas há de conseguir. Quando voltar a enxergar a pedra no meio do caminho haverá de lembrar a “lição” do passado.

Ou a tradução “aqueles que não podem lembrar”, pois não podem hoje, não podem por enquanto, podiam e agora não podem, mas poderão um dia... Um dia serão mais prudentes, mais atentos, pondo a barba de molho por terem escarmentado em cabeça alheia, ou na sua própria cabeça...

Ou, numa terceira possibilidade de tradução, a frase: “aqueles que não sabem lembrar”, ou seja, aqueles que literalmente não têm condições de lembrar, porque ignoram o que é lembrar, desconhecem o que lembrar, não sabem como lembrar; nunca souberam antes e, não sabendo agora, portanto (carentes de um passado pessoal ou social de experiência, de conhecimento), viverão guiados pelo instinto do imediato, pelos automatismos, que podem até ser muito originais, mas de uma originalidade inconsciente e inconseqüente, desligada do processo de crescimento! Hoje poderei ser tão ou mais original quanto no passado... mas como saber que estou sendo original se do passado nada sei?

Sem saber, sem consciência do que somos como indivíduos e/ou coletividade, sem consciência dos valores do passado, das crenças e vivências do passado, repetiremos o que no passado já se fez. Repetição como sinal de falta de criatividade, e decorrente incapacidade para realizar a superação. Mais ainda, inconsciência para o fato de que o caminho prosseguiu, e aquela pedra que estava no meio do caminho ficou para trás! O que não impede que novas pedras surjam à medida que continuarmos caminhando.

A repetição do passado significa permanecer preso a um tempo que já passou, sem ter consciência de que ele já passou! Não me darei conta de que o presente exige novas atitudes (a partir da transformação das antigas atitudes), pois *não sei* que o presente é o que veio depois do passado. Não tenho um passado a que possa recorrer para entender o presente, e aperfeiçoar-me dentro dos novos contextos.

Sem saber o que lembrar, olharei o presente como se este fosse uma realidade incausada, sem antecedentes, desligada da história. Sem conhecer os antigos contextos, que geraram os atuais, encaro o presente como se tudo acontecesse pela primeira vez, e reagirei com a “inocência” perpétua de quem não sabe que pode e deve “evoluir de opinião”, como se cantava numa velha marchinhas de Carnaval.

Sem ter um passado para lembrar, perco de vista a fonte de mudanças que ele representa. Sem passado, não posso ter futuro, careço do obsoleto para criar o inédito. Meu futuro será sempre um repetido passado... ou um eterno presente que sempre retorna, sem que desse eterno retorno eu tenha conhecimento.

Valorização do passado como realidade a ser retida em nome do futuro, como inspiração para mudanças, adaptações e aprimoramentos — este é o sentido da frase de Santayana.

Se eu me recordo do passado, pois tenho um passado, não estou condenado a repetir o passado, isto é, a continuar alheio a tudo o que podemos fazer para dar continuidade a uma história! Não estou condenado, estou *convidado* a ser coerente com

o passado, ultrapassando-o. Pois também é repetir o passado querendo progredir com a adoção de mudanças absolutas, como se nada tivesse acontecido ontem.

O “conselho” de Santayana não é para que leiamos livros de história, a fim de evitar os erros de Napoleão, por exemplo. Poder e saber lembrar quem foi e o que fez Napoleão permite-me tomar consciência de que jamais haverá um novo Napoleão. Repetir o passado de Napoleão é não ter condições de lembrar que Napoleão viveu, e viveu num outro mundo, que no entanto gerou o mundo em que vivemos hoje.

Logo, a leitura da história, das histórias reais ou fictícias (lembrando o quanto de fictício há nas histórias reais...), é um mergulho naquilo que somos. Nós somos o passado do qual temos consciência. Somos Napoleão, porque *já fomos* Napoleão. Não precisamos (nem podemos) ser Napoleão outra vez. E esta é a liberdade de quem sabe lembrar, de quem lembra o que sabe, de quem consegue lembrar o passado, sem recair em numa veneração supersticiosa do passado. Recordando quem sou, posso continuar meu caminho de transformações diárias, para tornar-me, um dia, seguindo a recomendação do poeta Píndaro, quem de fato eu sou.

Sempre e de novo, a leitura

Se sobre a leitura nunca se fala demais, talvez eu tenha escrito de menos. Esta é a sensação, normal aliás, que se experimenta no momento da “conclusão”.

Jacques Attali, no verbete “livro” do seu *Dicionário do século XXI*, diz que hoje, levando-se em conta toda a população do mundo, um pouco mais de um bilhão de pessoas lerá pelo menos uma obra literária em toda a sua existência individual. (Isto supõe que é bem inferior a um bilhão o número de pessoas que realmente têm a leitura como prática existencial, ao menos quanto às obras literárias.) E os muitos bilhões de indivíduos alheios a essa experiência provavelmente não sentem a menor falta daquilo que mal podem conceber ou imaginar. Não me sinto nem um pouco aflito, por exemplo, com o fato de jamais ter experimentado um alimento saborosíssimo chamado *ilutix*, e desafio quem saiba explicar o quanto é saborosa essa iguaria... se é que alguém sabe lembrar como se prepara esse (ainda) inexistente prato.

Observamos a leitura, e a leitura observada nos diz em que ela consiste, quais são as suas possibilidades, o que podemos “ganhar” se nos tornarmos leitores criativos, e conscientes de que somos leitores criativos, se cultivarmos em nós as condições exigidas para ser leitores criativos; mas também nos diz, a leitura observada, o que “perdem”, em termos existenciais, aqueles que, cientes ou não, voluntária ou involuntariamente, estão excluídos da livrosfera.

No livro *Imagens do pensamento*, de Walter Benjamin, há uma parábola intitulada “Omelete de amoras”;⁴² interpretá-la pode oferecer uma síntese do que consideramos neste ensaio em torno da leitura criativa como ponto de convergência entre exercício da imaginação, sementeira de idéias, desenvolvimento da intuição, aperfeiçoamento da sensibilidade ética e prática da memória.

Uma “velha história”, avisa o autor, dirigindo-se aos leitores que gostariam de provar figos ou um prato especial qualquer. E utiliza a forma tradicional de iniciar velhas histórias: era uma vez um rei poderoso e infeliz. Certo dia, este rei chamou seu cozinheiro particular e lhe exigiu, sob pena de condená-lo à morte, que preparasse uma omelete de amoras, “tal qual saboreei há cinqüenta anos, em minha mais tenra

⁴² Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas II – Rua de mão única*, pp. 219-220.

infância”, deliciosa comida cuja receita se perdera com a morte da cozinheira, mas cujo sabor permanecera em sua memória como sinal da imorredoura esperança, mesmo em circunstâncias difíceis (naquela altura ele e seu pai fugiam dos inimigos). Se cumprisse aquele desejo, o súdito tornar-se-ia herdeiro do trono.

Entre o julgamento sumário e a recompensa desproporcionada, o cozinheiro manteve-se sereno, e com este discurso se dirigiu ao soberano deprimido:

— Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater os ovos e sei que o batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita de modo que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois, apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro.

O cozinheiro atribui às circunstâncias concretas do episódio vivido pelo rei, quando criança, tanto quanto à técnica culinária, o sabor de esperança que ele experimentou desde o primeiro bocado de omelete de amoras. Ou melhor, o verdadeiro segredo da omelete não está apenas no *modus operandi*; reside na combinação dos elementos e procedimentos culinários com todos os demais “ingredientes” vitais que contribuíram para aquela experiência, conforme contara o rei ao fazer o seu pedido:

Deves me fazer uma omelete de amoras tal qual saboreei há cinquenta anos, em minha mais tenra infância. Naquela época meu pai travava guerra contra seu perverso vizinho a oriente. Este acabou vencendo e tivemos de fugir. E fugimos, pois, noite e dia, meu pai e eu, até chegarmos a uma floresta escura. Nela vagamos e estávamos quase a morrer de fome e fadiga, quando, por fim, topamos com uma choupana. Aí morava uma vovozinha, que amigavelmente nos convidou a descansar, tendo ela própria, porém, ido se ocupar do fogão, e não muito tempo depois estava à nossa frente a omelete de amoras. Mal tinha levado à boca o primeiro bocado, senti-me maravilhosamente consolado, e uma nova esperança entrou em meu coração.

O segredo completo para a preparação da omelete de amoras exige condições que tornam aquela omelete, mais do que uma coisa a ser obtida a qualquer preço, um âmbito em que se entrelaçam realidades e valores, sentimentos e lembranças: a hospitalidade, o medo, a fome, a fadiga, a sensação de derrota, a alegria de encontrar, no meio da floresta escura (como não evocar a “*selva oscura*” de Dante?), uma choupana, antítese do palácio, lugar do refúgio inesperado e providencial...

A felicidade clandestina, a impossivelmente necessária felicidade está toda concentrada nesta imagem da omelete de amoras, a omelete que surgiu num passado que não passou, mas cuja presença no presente o rei tanto deseja. A omelete de amoras é o amor em omelete. Ele a quer saborear novamente. Sendo rei, tudo pode, por que não exigir a felicidade?

Denkbilder, imagens do pensamento, figuras do pensamento, quadros do pensamento. O relato de Walter Benjamin obedece a esta proposta de manifestar os seus pensamentos em imagens, desenhos, descrições. Neste pequeno conto, fábula ou parábola, há uma idéia transformada em relato. O relato, aparentemente, não pretende convencer ninguém. Age como testemunho e convida o leitor a ser, por sua vez, testemunha. A idéia, das mais simples, permanece incompreensível sem a sabedoria — o ideal do poder tem limites, vivido pelo rei, é irrealizável. Por mais poderoso que seja, o rei não pode “mandar fazer” a felicidade. Esta é fruto mais do que produto.

Imaginemos a omele de amoras.

Um prato nada sofisticado, mas, para o rei, carregado de sentido, levando-se em conta as circunstâncias em que a experimentou em sua tenra infância. Um prato nada palaciano, mas para rei e príncipe representou uma possibilidade de resistir ao inimigo, superar o infortúnio, recomeçar a luta. Há nessa omelete, como realidade inobjetiva, um conteúdo ético. A omelete foi feita por mãos generosas e desinteressadas. A omelete de amoras é uma omelete doce, pois doce é a solidariedade nas horas incertas.

A história da palavra “omelete” também é sugestiva do ponto de vista imagético. Nasceu do francês *omelette* (registrada em meados do século XVI), que é uma alteração de *amelette* (século XV), proveniente do francês antigo *alemelle* (“pequena lâmina de faca ou de armas”), remetendo ao latim *lamella* (“pequena lâmina de metal”, em referência à *lamina*, de facas e espadas). A omelete, portanto, é uma “lâmina” delgada de ovos cozidos (a passagem de *amelette* para *omelette* deve-se à provável influência do “o” de *oeuf*, “ovo”).

O simbolismo geral dos instrumentos cortantes aplica-se aqui: o princípio ativo modificando, cortando, furando a matéria passiva. Em um contexto de guerra, a omelete evoca a lâmina da espada salvadora, da retomada da luta, da bravura, do poder. A espada simboliza a força lúcida que ataca os problemas e dificuldades com energia. A ação vencerá, antes de mais nada, o pessimismo.

Doce como a solidariedade e laminada como a espada (e não desprezemos o “vermelho sangue” das amoras), a imagem da omelete não é inocente — transcende, afinal, o mero gosto. Aplacando a fome, sugere que o mundo é recuperável pela virtude (*virtus*, força orientada para o bem). E é desta virtude, enfim, que o soberano tem fome. Sua vida como rei tornou-se melancólica, sem sentido, não obstante o acúmulo de poder. O poder que possui é, no fundo, falso. E é isto o que o sábio cozinheiro faz o rei perceber.

A omelete não “agradará ao paladar” do rei, na ausência do tempero essencial: “o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro”. O de que o rei sente falta, verdadeiramente? O “futuro obscuro” faz intuir que somos livres para recriar nossa situação. As dificuldades não são a última palavra.

O presente exótico, a omelete de amoras, é exótico porque vem de fora, de uma outra realidade, mas traz vaticínios, e a intuição os capta no primeiro bocado de omelete. A vovozinha que preparou o alimento restaurador é fisicamente frágil,

anônima habitante da floresta escura, mas conseguiu reerguer o moral do rei e do príncipe. Oferecendo a doçura do descanso, dando-lhes abrigo, abriu possibilidades numa situação aparentemente perdida e desesperadora.

É disso que verdadeiramente tem fome o soberano deprimido. A melancolia, como a analisa Julia Kristeva, é “um abismo de tristeza, dor incomunicável [...], até nos fazer perder o gosto por qualquer palavra, qualquer ato, o próprio gosto da vida”.⁴³ O paladar para um novo sentido. Um novo sentido para sua vida era o que desejava o soberano poderoso-impotente. Buscou-o na memória, no passado, mas o passado é aquilo que não podemos repetir, a menos que queiramos negar a realidade do próprio passado.

Cinquenta anos se passaram, e o rei quer recuperar, na omelete inesquecível, o que teria perdido ao longo do tempo. A omelete de amoras, tal como foi servida naquele dia, naquele dia, digamos assim, “cumpriu seu destino”.

E o cozinheiro, disto sabedor, experiente na arte de preparar alimentos que, além da matar a fome física, reúnem em si ingredientes existenciais além dos materiais, desmonta o ideal de domínio, vence a tentação de obedecer ao mandato do rei, entrega-se à morte.

O relato assim termina:

O rei, porém, calou um momento e não muito tempo depois deve tê-lo destituído de seu serviço, rico e carregado de presentes.

Nem o cozinheiro foi condenado à morte, nem se casou com a princesa. Nem a pena capital nem a recompensa. O cozinheiro, destituído de seu serviço, perguntará a si mesmo o que a decisão do rei significava. Libertação, por um lado, mas talvez sinal de que não estava à altura dos desejos do rei. Premiado e de certa forma dispensado por “justa causa”, o cozinheiro não saberá exatamente em que medida o silêncio do rei foi positivo ou negativo. O certo é que o rei precisou refletir melhor; o fato de presentear regimento o seu servo assinala uma possível gratidão. É possível conjecturar que o rei está a caminho de uma outra compreensão da sua existência.

Ler e reler o desfecho deste relato faz intuir o paradoxo do outrossim. Observar e absorver a leitura funda um âmbito em podemos discutir o anjo e o sexo, o espiritual e o físico, o céu e a terra.

Referências Bibliográficas

ATTALI, Jacques. *Dicionário do século XXI*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de mão única*. 5.ed. 3.reimp. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2003.
- BRITO, Mário da Silva. *Conversa vai, conversa vem*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1974.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CIORAN, E. M. *Silogismos da amargura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- DE MASI, Domenico. *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FERNANDES, Millôr. *A bíblia do caos*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GOETHE, Johann W. *Máximas e reflexões*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- _____. *A metamorfose*. Ilustração: Peter Kuper. São Paulo: Conrad, 2004.
- KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção *Os pensadores*, vol. XXXI), 1974.
- KRISTEVA, Julia. *O sol negro – depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LAUAND, Jean. *Provérbios e educação moral – a filosofia de Tomás de Aquino e a pedagogia árabe do Mathal*. São Paulo: Hottopos, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Água viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- _____. *A paixão segundo GH*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- MARÍAS, Julián. *A felicidade humana*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Globo, 2003.
- PERISSÉ, Gabriel. *O leitor criativo*. 2.ed. São Paulo: Ômega, 2001.
- SANTAYANA, George. *Life of reason*. New York : Scribner, 1905.
- SARTRE, Jean-Paul. *Imaginação*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- WHITEHEAD, Alfred North. *Aventuras de las ideas*. Barcelona: José Janés, 1947.

⁴³ Julia KRISTEVA, *O sol negro – depressão e melancolia*, p. 11.